



Teses de mestrado: A expressão Egipcizante D´a flauta mágica de Mozart

Autor(es): Hall, Aline Gallasch

Publicado por: Instituto Oriental da Universidade de Lisboa

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/24241>

Accessed : 21-Oct-2019 16:05:51

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

14

天十廿三十一日...
中華民國三十一年...

concebiam a sua morte como um desaparecimento mas como uma transição, uma passagem para o Além.

A história mais antiga das religiões, quer a Ocidente quer a Oriente, mostrou que estas não deram origem a uma oferta de vida para além da morte. As religiões preocuparam-se sobretudo em saber como manter a ordem em face do caos, em manter a moral e os valores, particularmente quando não havia crença sobre a existência de um julgamento dos mortos ou de uma compensação ou punição depois da morte.

A EXPRESSÃO EGIPCIZANTE D'A FLAUTA MÁGICA DE MOZART

Aline Gallasch Hall

A tese foi defendida a 16 de Fevereiro de 2004, perante um júri constituído pelo Professor Doutor José Augusto Ramos, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (presidente), Professor Doutor José das Candeias Sales, da Universidade Aberta (arguente), Professor Doutor Mário Vieira de Carvalho, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (co-orientador), Professor Doutor Luís Manuel de Araújo, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (co-orientador) e Professor Doutor António Ramos dos Santos, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

A dissertação intitulada *A Expressão Egipcizante d'A Flauta Mágica de Mozart* está dividida em dois grandes núcleos, denominados Actos, à semelhança da própria ópera mozartiana.

No então baptizado *I Acto*, como o título poderá indicar,

procede-se a uma tentativa de entender como o Egipto vai ser imaginado, vivido e admirado ao longo do tempo, entre o período compreendido pelo domínio romano até ao limiar do século das Luzes, sob o subtítulo de «A construção da imagem do Egipto». Dessa forma, as bases para uma percepção mais ampla da ideia do Egipto estavam traçadas, não como o conhecemos hoje, mas como ele foi visto e apreendido no passado (leia-se antes da decifração da escrita hieroglífica), de forma a salientar a importância do *II Acto* e que, no fundo, contém o âmago do trabalho. Este último foi denominado «Mozart e *A Flauta Mágica*».

Nesta *II parte*, após uma sumária biografia do compositor austríaco Wolfgang Amadeus Mozart, procedeu-se a um estudo das fontes que serviram para a criação da famosa ópera e que poderão ser divididas nos seguintes sub-capítulos: os clássicos e os romances; as fontes ma-

çónicas; as peças de teatro e outros libretos. De seguida, após uma breve sinopse, fez-se uma interpretação e enquadramento dos cenários, das personagens e do guarda-roupa originais e das suas ligações ao mundo não egípcio, mas egipcizante, mitificado e extremamente envolto de mistério e magia, que o século XVIII tão bem concebeu.

Acrescentou-se um Apêndice, sendo este uma tradução em português (feita com a preciosa colaboração de Markus Grotke) de uma das fontes maçónicas – possivelmente a mais importante: o artigo do grão-mestre Ignaz von Born, «Ueber der Mysterien der Aegyptier» («Sobre os Mistérios dos Egípcios»), publicado no primeiro número do *Journal für Freymeurer*, onde ele traça um paralelo entre os maçons setecentistas e os sacerdotes do Antigo Egipto. O genial Mozart acabou por traduzir, juntamente com o libretista Emanuel Schikaneder, de forma sublime na sua música.

Tentou-se reunir, desta forma, dois mundos aparentemente opostos (o antigo Egipto e o século XVIII) mas unidos através dos tempos por alguns dos seus valores – a *maet* e o Iluminismo – e por meio da música de um dos maiores génios de todos os tempos, Wolfgang Amadeus Mozart.

RETRATOS DE HERODES NA PAISAGEM HELENÍSTICA

Maria Antónia Pereira

A tese foi defendida a 16 de Fevereiro de 2004, perante um júri constituído pelo Professor Doutor José Augusto Ramos, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (presidente e orientador), Professor Doutor Armindo dos Santos Vaz, da Universidade Católica (arguente) e Professor Doutor Luís Manuel de Araújo, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Herodes, o Grande. Na verdade, não existe qualquer indício de que os contemporâneos se lhe referissem por esse título, ou mesmo que o próprio Herodes gostasse ou quisesse ser assim chamado. Flávio Josefo (século I) apresenta uma explicação simples para o seu uso: destinava-se tal epíteto a distingui-lo de outros reis que se lhe seguiram e que tinham o mesmo nome. Com este argumento, o autor desvaloriza essa atribuição alegando que não foi um título merecido, mas utilizado apenas por uma questão prática.

Para os seus contemporâneos, Herodes suscitou também reacções diversas e diferentes níveis de tratamento: Nicolau de Damasco,